

Crise da experiência e melancolia em *Aos 7 e aos 40* (2016), de João Anzanello Carrascoza

Michel Augusto Carvalho da Silva¹
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI)
michel.silva@ifpi.edu.br

Luizir de Oliveira²
Universidade Federal do Piauí (UFPI)
luizir@ufpi.edu.br

Resumo: Este artigo analisa de que maneira a melancolia configura o romance *Aos 7 e aos 40* (2016), de João Anzanello Carrascoza, a partir da perspectiva da crise da experiência na contemporaneidade. A diferenciação proposta por Walter Benjamin entre vivência (*Erlebnis*) e experiência (*Erfahrung*) é fundamental para a compreensão dos aspectos melancólicos que atravessam a obra, tais como a fragmentação narrativa, a carência de experiências significativas do protagonista, o desajuste com a realidade e o sentimento de desencanto. A discussão teórica ancora-se nos escritos de Walter Benjamin (1994), Byung-Chul Han (2023), Susana Kampf Lages (2016) e Jaime Ginzburg (2013), estabelecendo relações entre a fragmentação da experiência e a constituição da melancolia na narrativa contemporânea. A melancolia configura a narrativa de *Aos 7 e aos 40* (2016) a partir da fragmentação narrativa e alternância dos episódios narrados na infância e fase adulta do protagonista – não nomeado do romance, como um aspecto do sentimento de busca de sentido do narrador na fase adulta. Além disso, o sentimento de perda, ausência, desencanto e desajuste entre o protagonista que não se reconhece em suas ações demonstram o distanciamento e carência de experiências significativas. O romance de João Anzanello Carrascoza estetiza e ficcionaliza o sentimento de perda e o desajuste com a realidade que, como discutido, são aspectos da melancolia.

Palavras-chave: Crise da Experiência; melancolia; fragmentação narrativa; *Aos 7 e aos 40*; João Anzanello Carrascoza.

Crisis of Experience and Melancholy in *Aos 7 e aos 40* (2016) by João Anzanello Carrascoza

Abstract: This article investigates the ways in which melancholy shapes the novel *Aos 7 e aos 40* (2016) by João Anzanello Carrascoza, through the lens of the contemporary crisis of experience. The distinction proposed by Walter Benjamin between *Erlebnis* (lived experience) and *Erfahrung* (genuine experience) proves essential for understanding the melancholic elements that permeate the narrative, such as the

¹ Doutor em Letras pela Universidade Federal do Piauí. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3308402080564715> . Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4706-252X>.

² Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo. Professor Titular do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Piauí. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5862908010726439>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5333-8580>.

fragmentation of the storyline, the protagonist's deficiency in meaningful experiences, his misalignment with reality, and the prevailing sense of disenchantment. The theoretical framework is grounded in the writings of Walter Benjamin (1994), Byung-Chul Han (2023), Susana Kampf Lages (2016), and Jaime Ginzburg (2013), establishing critical connections between the fragmentation of experience and the formation of melancholy within contemporary literature. In *Aos 7 e aos 40*, melancholy is structurally embodied through narrative fragmentation and the alternation between episodes from the protagonist's childhood and adulthood—an unnamed character throughout the novel—reflecting an ongoing search for meaning in his adult life. The recurrent feelings of loss, absence, disenchantment, and alienation, particularly evident in the protagonist's inability to recognize himself in his own actions, underscore his emotional detachment and the scarcity of meaningful experiential engagements. By aestheticizing and fictionalizing the pervasive sense of loss and the disconnection from reality, Carrascoza's novel offers a profound literary representation of melancholy, while simultaneously articulating a broader critique of the disintegration of traditional modes of constructing meaning in the contemporary world.

Keywords: Crisis of experience; melancholy; narrative fragmentation; *Aos 7 e aos 40*; João Anzanello Carrascoza.

Introdução

Este artigo discute a relação entre a pobreza da experiência e a melancolia do narrador de *Aos 7 e aos 40* (2016), de João Anzanello Carrascoza. Este texto é um recorte da tese intitulada *O temor pelo sofrimento futuro: algofobia e melancolia na narrativa de João Anzanello Carrascoza* (2025), de autoria de Michel Augusto Carvalho da Silva, sob orientação de Luizir de Oliveira. Os atributos melancólicos relacionados à crise da experiência podem ser analisados a partir da fragmentação narrativa, imprecisão temporal em que os eventos são narrados, a perspectiva do narrador em relação aos eventos narrados e a própria caracterização melancólica do narrador protagonista do romance.

Aos 7 e aos 40 (2016) é o primeiro romance de João Anzanello Carrascoza. Publicado originalmente em 2013 pela Editora Cosac Naify. O romance é publicado novamente em 2016, dessa vez pela Editora Alfaguara. Na história, a vida de um homem é narrada em dois momentos distintos: na infância, com suas descobertas e aventuras, e na fase adulta, com os laços quebrados e fragmentados e a busca por sentido. Os capítulos são fragmentados e intercalam duas narrativas que se complementam, em dois momentos distintos da vida do protagonista. Escritos de modo alternado, com um capítulo se referindo a acontecimentos da infância do protagonista não nomeado e o outro narrando acontecimentos da fase adulta, os capítulos se complementam, ao apresentar como um acontecimento passado reverbera no presente do protagonista, especialmente as emoções e o mal-estar. Os títulos dos capítulos são antagônicos em relação às duas fases da vida do protagonista: Depressa/Devagar; Leitura/Escritura; Nunca mais/Para sempre; Dia/Noite; Silêncio/Som; Fim/Recomeço. Em um primeiro momento, há a descoberta de um sentimento, no segundo há o modo como esse sentimento é recordado. De certo modo, é possível afirmar que *Aos 7*

e aos 40 (2016) é um romance de formação construído através de fragmentos. Os fatos narrados na infância repercutem na fase adulta do protagonista, que busca no retorno às origens respostas para o constante sentimento de perda que motiva a narrativa.

O constante sentimento de perda do protagonista, um de seus conflitos internos, como é apresentado e discutido neste artigo, é resultante do fim do casamento, do distanciamento do filho, da ruptura daquela construção familiar, mas, sobretudo, é um sentimento de distanciamento de si. O protagonista não se reconhece e nem entende seus sentimentos, o que desperta nele o desejo de retornar à cidade da infância, em busca de um reencontro consigo mesmo, suas aspirações e, acima de tudo, sentir novamente aquelas emoções da infância. Desse modo, a configuração dos capítulos aponta para esse distanciamento de si, desse sentimento de perda e fragmentação. Os capítulos que contam acontecimentos da infância são narrados em primeira pessoa, enquanto os acontecimentos da fase adulta são narrados em terceira pessoa. Além disso, os capítulos voltados para a fase adulta são escritos em forma de versos, mas não de forma rimada. Trata-se de uma construção fragmentada que aponta para a fragmentação das emoções e eventos narrados na fase adulta do protagonista.

A melancolia da experiência fragmentada

Walter Benjamin, no ensaio *Experiência e pobreza*, publicado originalmente em 1933, analisa como as transformações históricas e sociais afetaram a capacidade humana de transferir experiências através das narrativas. Como exemplo, o autor aponta o retorno dos soldados da Primeira Guerra Mundial, que se viam incapazes de narrar os horrores vividos do campo de Batalha. Na modernidade, a humanidade perde sua capacidade de transmitir experiências autênticas, carregas de sabedoria, substituídas por informações superficiais e fragmentadas.

Pobreza de experiência: não se deve imaginar que os homens aspirem a novas experiências. Não, eles aspiram a libertar-se de toda experiência, aspiram a um mundo em que possam ostentar tão pura e tão claramente sua pobreza externa e interna, que algo de decente possa resultar disso. Nem sempre eles são ignorantes ou inexperientes. Muitas vezes, podemos afirmar o oposto: eles “devoraram” tudo, a “cultura” e os “homens”, e ficaram saciados e exaustos (Benjamin, 1994, p. 118-119).

Benjamin previu a relação do homem com o meio no contexto da cibercultura e globalização: para além da crise na narração e a fragmentação da experiência, o indivíduo passa a mediar sua relação com o mundo através da tecnologia. A experiência é, assim, homogeneizada. O indivíduo conseguiu, assim, se libertar de toda a experiência. Os imperativos de eficiência e desempenho modificaram a relação do indivíduo com a experiência e com o mundo. O próprio

corpo se torna uma máquina de produzir rendimentos, com aparelhos tecnológicos que agem como uma extensão deste corpo, calculando velocidade, qualidade do sono, níveis de estresse. Além disso, o mundo é observado através de telas de computadores e *smartphones* e as informações mudam antes de ganharem narratividade. As vivências não transmitem nenhum saber além de como desempenhar melhor nos diversos campos de atividade humana.

Benjamin é fundamental para entendermos o impacto da modernidade e da alienação na experiência e nas narrativas. Seus conceitos nos auxiliam na compreensão da dificuldade do romance se manter como uma narrativa significativa em um contexto caracterizado pela individualidade e crise da experiência, como é a modernidade. Em outras palavras, Benjamin chama a atenção para as transformações culturais da modernidade e como essas mudanças fragmentaram a experiência e a própria noção de indivíduo. Na contemporaneidade a crise discutida por Benjamin ganha novas instâncias. A vivência reside na observação do outro, e o indivíduo olha para si mesmo como uma máquina que precisa produzir cada vez mais em menos tempo. Esse processo custa caro ao indivíduo: os imperativos de autotutela e esforço à exaustão produzem indivíduos insatisfeitos que culpam a si mesmo por não conseguirem seguir o ritmo imposto. Em vez de questionar a razão do mal-estar, olham para si mesmos como doentes que precisam de medicamentos para auxiliar na concentração, no esforço, no ganho de massa corporal e para dormir melhor.

Quanto à melancolia e sua relação com a crise da experiência, ela não deve ser analisada somente como uma temática abordada pelo narrador através de uma negatividade em relação à vida e ao contexto social em que a narrativa é ambientada. Não apenas o narrador ou protagonista estão desajustados ao meio, a própria atividade de escrita no romance é vista como objeto de estranhamento, que rompe as barreiras temporais e busca recuperar o objeto perdido, a saber, a sabedoria advinda da experiência. Como sugere Suzana Kampf Lages, “ao contar uma história, uma dimensão do passado é atualizada, passando a fazer parte da experiência atual dos ouvintes e do narrador e, com isso, opera uma alteração fundamental no presente” (Lages, 2019, p. 129).

No entanto, com a pobreza da experiência constatada por Benjamin, que ganha novas dimensões no contexto atual, além da ideia de progresso constante que vê a sabedoria advinda do passado como obsoleta para os novos paradigmas da sociedade, as narrativas não buscam atualizar a experiência passada, buscam antes lamentar um objeto perdido. Assim, o presente é visto de modo pessimista. O futuro é atravessado por incertezas e o passado não pode ser atualizado. A narrativa, que antes tinha a atribuição de atualizar o passado, transportá-lo para o presente, mesmo que imaginariamente, não consegue mais desempenhar a mesma função. O objeto perdido antes era perfeitamente identificável, coerente e acessível através da narrativa. Atualmente, o objeto perdido é incerto, inexistente ou ausente. O presente não atualiza o passado e corrompe a visão de futuro,

também incerto e apático. O narrador não dispõe de uma experiência que possa extrair uma sabedoria imanente. Os episódios, assim, são narrados de modos a atestar uma crise da experiência moderna e do próprio ser.

Lages (2019), ao estudar a relação da tradução com a melancolia através dos textos de Walter Benjamin, dedica um capítulo para a discutir a relação da melancolia com a narrativa e, consequentemente, com o narrador. Nas palavras da autora:

O romance oferece espaço para a melancolia do narrador, como se oferecesse espaço para os resíduos de oralidade das antigas formas narrativas. Se todas as narrativas se constituem, por definição, na tentativa de recuperar, por meio da linguagem e da memória, algo que já deixou de constituir parte da experiência presente, isto é, vivências, fatos, acontecimentos passados, é o resíduo da figura de narrador de que fala Benjamin — metonimicamente tão eficaz quanto a figura original perdida (como o narrador sempre posterior da história hassídica citada por Scholem) — o responsável pela tristeza feliz que compartilhamos ao terminar de ouvir ou ler uma história. Pois, se tristeza advém do fato de que o evento narrado passou e a narração acabou, alguma felicidade está na possibilidade de ele ser revivido no futuro, ao ser contado ou lido novamente (Lages, 2019, p. 138).

O romance contemporâneo rompe com a ideia de que o evento narrado passou e que a narração terminou. Uma vez que os problemas são insolúveis — às vezes imaginários ou ainda inexistentes —, o pessimismo do narrador e a inanição do protagonista são traços que impedem a narrativa de se concluir. O problema não é superado. Outro traço importante é a fragmentação narrativa e temporal. O narrador não tem certeza da ordem dos acontecimentos, nem sempre consegue tornar os episódios coerentes e o romance termina sem a resolução ou superação dos eventos narrados. A tristeza mencionada por Lages ao fim de uma narrativa ainda existe, mas permeia toda a atividade narrativa e não se trata de uma “tristeza feliz”, como citado pela autora, mas de uma tristeza vazia, uma tristeza que atesta uma falta, uma necessidade de completude.

Esse aspecto é discutido por Byung-Chul Han em *A crise da narração* (2023). Segundo o autor, as narrativas atuais são contingentes, substituíveis e mutáveis. Vivemos uma época pós-narrativa, definida por ele como “uma época estranha ao poder de vinculação característico da narrativa” (Han, 2023, p. 10). Como exemplo da percepção de uma época pós-narrativa, Han apresenta a religião como a narração de um momento interno de verdade. A religião cristã, especificamente, é uma metanarração que ancora o ser. O calendário cristão dá significado aos dias, aos feriados religiosos e às tradições como a Quaresma. “Na época pós-narrativa, este calendário é ‘desnarrativizado’ e transformado em uma simples agenda esvaziada de significado. Os dias festivos religiosos são o ponto alto e de destaque de uma narração” (Han, 2023, p. 11). O calendário cristão perde seu caráter narrativo que dá sentido aos dias, às tradições, festividades e ao próprio

sentimento de festividade. A crise da narração atual esvazia os significados a serviço do consumo, produção e lazer. Os eventos tradicionais e rituais são comercializados como eventos e espetáculos.

No ensaio *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov* (1994), Benjamin propõe uma diferença entre vivência (*Erlebnis*) e experiência (*Erfahrung*) que é fundamental para entendermos a diferença também discutida por Benjamin entre informação e narração. Segundo ele, a narração estaria ligada ao compartilhamento de experiências de uma geração a outra, sem se prender aos fatos e permitindo múltiplas interpretações. Cabe ao leitor interpretar o episódio narrado como quiser, da perspectiva que escolher assimilar os eventos narrados. A informação, por outro lado, não tem vínculo com a experiência individual, está presa aos fatos e busca a objetividade dos eventos narrados. Desse modo, não permite múltiplas interpretações e é elaborada para ser efêmera. Ela não transmite um conhecimento além do fato que pretende apresentar.

A fragmentação é, portanto, o sintoma de um estranhamento do real estetizado pela narrativa ficcional. A tentativa de ordenar os eventos passados, tornar o presente coerente e o futuro uma certeza, é o sinal do estranhamento da ficção em relação ao real. A temporalidade atrofiada, a fragmentação da realidade e o desencanto com o mundo são atributos melancólicos que podem ser discutidos a partir da crise da experiência apontada por Benjamin, que afeta diretamente a forma como as uma narrativa melancólica é elaborada, na qual a realidade é observada como um campo de desencantamento e desconfiança (Ginzburg, 2013). A desconfiança é o sentimento de impossibilidade de mudança ou mesmo de uma visão otimista frente aos acontecimentos que se sucedem na narrativa.

O melancólico confronta-se com os limites da existência constantemente, pois associa sua perda à incerteza quanto à possibilidade de que qualquer coisa possa de fato fazer sentido. E um ponto central da condição melancólica consiste na atitude autodestrutiva. Impregnado de um amor que não pode ser correspondido e jogado em um campo de dor da perda, o sujeito agride a si mesmo, pois quando pergunta por um culpado, querendo responsabilizar alguém por tanto sofrimento, não se poupa, atribuindo a ele mesmo a origem do amor que levou à dor que sente (Ginzburg, 2013, p. 12).

A narrativa melancólica caracteriza-se, assim, por assumir uma falta, que nem sempre é exposta diretamente. A ficção literária é uma tentativa de criar ordem frente a um objeto perdido, que busca tornar o presente coerente através do passado e, se não superar, conseguir prosseguir com o futuro. A melancolia é um elemento temático, estético e característico do narrador que dá ao romance uma estética da descontinuidade, do incompleto, escrito de forma fragmentada e não seguindo a linha cronológica dos fatos, não com o intuito de se apresentar como alternativa para ancorar os indivíduos modernos, mas como forma de tentar entender e absorver os aspectos dessa conjectura social.

Segundo Leyla Perrone-Moysés (2016), a literatura contemporânea caracteriza-se por um sentimento de melancolia por “existir depois do fim, de ser uma literatura que não é de vanguarda, mas tardia” (Perrone-Moysés, 2016, p. 208). A literatura contemporânea existe em um momento em que “as regras antigas já não existem e outras, na melhor das hipóteses, ainda estão em gestação” (Perrone-Moysés, 2016, p. 208). Existir depois do fim de que, especificamente? Han (2023) aborda a atualidade como era pós-narrativa. A afirmação de Perrone-Moysés é a percepção de que as narrativas atuais são melancólicas por existirem após a crise da narrativa. Se a ficção literária não ancora o ser no tempo, fundamenta e dá sentido à existência, qual seria sua função? O intuito do uso da palavra função não é uma tentativa utilitarista velada de delimitar ou tornar a arte literária útil ao sistema, mas, como vem sendo desenvolvido, a crise da narrativa desperta o questionamento acerca das motivações para a escrita literária, diferente do *storytelling* e de informações voltadas para o consumo.

A melancolia narrativa de *Aos 7 e aos 40*

Os atributos melancólicos atravessam a narrativa desde o sentimento de perda constante do protagonista e como esse sentimento de desajuste está presente mesmo antes das perdas sofridas por ele serem de fato concretizadas. Em uma sociedade que inibe os sentimentos de caráter melancólico, a ficção de Carrascoza é, assim, o lugar em que a dor recupera seu caráter simbólico. Através de uma narrativa que mergulha nas origens do sofrimento do protagonista, a melancolia está relacionada a um conjunto de características que motivam o protagonista a buscar, em eventos passados, explicações para o sofrimento no presente. A sensação de perda constante é evidente mesmo antes que a perda seja concretizada, o que configura uma postura melancólica que está além da perda. O que o protagonista busca? Nos capítulos antagônicos entre a infância e a vida adulta, acontecimentos passados são recuperados e ressignificados por acontecimentos presentes, causando no personagem a sensação de que essas emoções se complementam.

Eu ia correndo à vida. Aos sete, a gente é assim. Pula de um doce pra um brinquedo. De um brinquedo pra uma tristeza. Tudo rápido, no demorado da infância. O pai chegava, *Olha o que eu trouxe pra você?*, e abria a mão: *um punhado de balas Chita!* O mundo, então, era aquele sabor em minha boca, eu concentrado em mastigar, querendo outra, e mais outra, satisfeito de estar ali, fiel ao meu instante (Carrascoza, 2016, p. 8).

O fragmento acima é a introdução da obra, presente no capítulo “Depressa”. Com sete anos de idade, o narrador em primeira pessoa apresenta o mundo como se tivesse vivido em sua totalidade, momento a momento. Ele vivia fiel ao instante, na satisfação momentânea dos seus desejos. No capítulo seguinte, intitulado “Devagar”, a narrativa da fase adulta do mesmo

personagem é feita em terceira pessoa, como um indicativo do distanciamento de si que o narrador sente: “o mundo, durante o dia, desfigurava-o, e, à noite, / por meio daquelas mãos, ele se refazia” (Carrascoza, 2016, p. 13). Na fase adulta da personagem, o mundo não é sentido e vivido em sua totalidade. Durante o dia, ele estava desfigurado pelo trabalho, pelo esvaziamento de sua subjetividade e desejos em prol de uma atividade laboral e relações profissionais. Durante a noite, no entanto, ele era refeito pelas mãos da esposa a o acariciar. Ele vivia agora com a esposa e um filho, com quem dividia vivências e compartilhava o espaço. A melancolia, no entanto, não estava limitada ao distanciamento e sensação de perda de si que ele sentia durante o dia; mesmo no apartamento com a família, ele sentia o mal-estar melancólico, que podemos depreender de um momento íntimo, em que está tomando banho:

A água caía mansa, lavando a cruz que em suas
costas se aderira como uma tatuagem. Sentia-se
refém daquele corpo, que o diferenciava dos
demais,
o corpo que sua mulher reconhecia como o de seu
homem,
e o menino como o de seu pai (Carrascoza, 2016, p. 14).

A cruz que ele carrega em suas costas é uma metáfora para o fato de ele se sentir refém do próprio corpo, indicando um mal-estar melancólico que ultrapassa o mero desânimo da rotina laboral. A cruz aderida ao corpo do protagonista como uma “tatuagem” indica um sentimento de desajuste permanente e de longa data. Não é um desânimo do momento presente, mas algo que ele tem carregado há um tempo. Além disso, sentir-se preso ao próprio corpo pode ser lido como um desajuste à realidade que ele percebe em torno de si. O fim do casamento, a distância do filho e da esposa, essas questões são temidas por ele ainda antes do fim, da mudança e visitas esporádicas ao filho, no entanto, o mal-estar já estava infiltrado nele.

A narrativa em terceira pessoa da fase adulta pelo narrador indica a distância com que ele observava a própria existência. O narrador é o protagonista da obra, mas ao narrar os acontecimentos e percepções da fase adulta, ele não se sente no controle de suas ações e emoções. Essa estrutura aponta também para uma crise da experiência atestada por Benjamin (1994) e ressignificada no contexto da pós-modernidade por Santiago (2002) ao abordar o conceito de narrador observador. Na infância, no momento de descoberta de si e do mundo, com suas emoções positivas e negativas, o protagonista aprende com a experiência. Na fase adulta, ele sente que precisa retornar aos momentos inaugurais da vida para enfrentar o sentimento de perda, para reencontrar-se. Ele sente que perdeu a si mesmo. Não se reconhece em suas atitudes e sentimentos.

Não por acaso a fase adulta é narrada em terceira pessoa e de modo fragmentado, com sentenças divididas em versos desalinhados. Essa estrutura aponta para o distanciamento que o narrador sente em relação a si mesmo, bem como para a incompreensão e a impossibilidade de narrar de modo coerente os sentimentos e as percepções que ele tem sobre a fase adulta.

A Literatura de Carrascoza apresenta personagens angustiadas com o que ainda irá acontecer, mesmo que sejam acontecimentos improváveis ou não. No entanto, na ficção não há medida paliativa, como os medicamentos psiquiátricos. As personagens mergulham no âmago do sofrimento, vislumbram futuros incertos e buscam no passado a compreensão do presente, mesmo que de maneira fragmentada. *Aos 7 e aos 40* é construído a partir da busca de compreensão do presente nos eventos do passado. Especificamente, o protagonista busca, nos momentos iniciais em que aprendeu sobre o sofrimento — originados de acontecimentos distintos e sentidos de maneiras diferentes —, respostas ou entendimento para o sentimento de perda constante na vida adulta.

A diferença postulada por Benjamin (1994) entre vivência (*Erlebnis*) e experiência (*Erfahrung*) nos permite ler os dois momentos da vida do protagonista de modo que a infância, o momento de descobertas e acontecimentos inaugurais de sua vida, traz os momentos da experiência, o lugar para o qual ele retorna em busca de respostas e ordem para os fragmentos das vivências do presente. A infância é o lugar do conhecimento, da forma como o homem se relacionou com o mundo e com os sentimentos. Aos quarenta anos de idade, as perdas não se tornaram experiência. Pelo contrário, possivelmente a falta de experiência causou as perdas, o distanciamento e o desajuste dele em relação ao meio e aos seus sentimentos.

Tal movimento de retorno às experiências negativas da infância como forma de superar o sofrimento presente é afirmado pelo narrador no capítulo “Dia”, em que é contado o episódio do campeonato de salto em altura, esporte descoberto e praticado pelo protagonista na infância. Nele, o protagonista fica em segundo lugar no campeonato e consegue a medalha de prata após tentar superar a marca de um metro e vinte no sarrafo. Ao ver seu adversário conseguir realizar o salto e, consequentemente, ficar com o primeiro lugar, ele afirma não ter sentido inveja, mas estar feliz por ter assistido àquela mágica, referindo-se à performance do seu adversário. Aquela quase vitória que o consagraria campeão fez com que o menino pensasse em outra perda ainda não superada: seu primeiro amor, a prima Teresa, e na sua ausência, o narrador afirma: “Então, livre da sua ausência, eu fiquei pensando que, às vezes, é preciso mesmo olhar pra trás se queremos ir em frente” (Carrascoza, 2016, p. 59). Essa afirmativa, além de estar relacionada ao momento que ele estava vivendo, condiciona toda a narrativa, que gira em torno de um sofrimento da infância e seu paralelo

com o momento presente. O capítulo seguinte, “Noite”, traça um paralelo entre o sentimento de saudade e o processo de aprender a lidar com as perdas. Após a separação, a ausência do filho, que ele só via nos finais de semana, o impulsiona a retornar ao antigo apartamento — não apenas para reencontrar a criança, mas também a ex-mulher. De certa forma, esse retorno do protagonista ao antigo apartamento é um retorno ao passado. Apesar da saudade do filho, o mover em direção àquele lugar, as comparações com a antiga forma de viver, e a ausência que existia agora, eram inevitáveis.

*E o menino?
Ele está bem. Sente muito a sua falta.
O homem ia dizer,
E eu a dele,
e, se fosse ao fundo de si, completaria,
E também a sua.
O menino, de pijama, reapareceu na cozinha,
Tô pronto.
O pai e a mãe o mediram,
cada um via nele um pouco de si (um pouco do que
havam sido e do que jamais seriam).
Vou por você pra dormir, o pai disse.
O menino deu um beijo na mãe e seguiu para o
quarto. O apartamento estava imerso na escuridão
e, ao cruzar o corredor, o homem sentiu, novamente,
que a tristeza havia se depositado ali,
sombra mais espessa que a noite (Carrascoza, 2016, p. 68).*

No excerto acima, o diálogo entre ele e a ex-esposa é marcado pelas sentenças em itálico. Como em um jogo de perguntas e respostas rápidas, os dois parecem evitar aprofundar-se nas questões relacionadas à vida um do outro após o término. Ele pensa em dizer que sente falta dela, mas evita e silencia. A cena é permeada pela melancolia do silêncio. Os dois dialogam, mas o diálogo parece automático, premeditado. O retorno do protagonista ao apartamento em que antes costumava viver na companhia da esposa e filho mostrou a ele que a vida seguia seu fluxo, apesar do casamento desfeito e a distância do filho. Com relação ao sentimento de perda, por mais que exista um processo de luto pelo fim do casamento e a perda daquela constituição e vivência familiar, a sensação de ausência é uma constante do protagonista na fase adulta. Esse sentimento de perda, além de motivar as ações do protagonista — como ir ao antigo apartamento da ex-esposa sem avisar para visitar o filho, ou viajar para sua cidade natal em busca de reencontrar sentimentos perdidos e se livrar da sensação de ausência —, guia suas decisões ao longo da narrativa. A esse sentimento de ausência, de que algo está em falta, um desajuste entre o sujeito consigo mesmo, com sua realidade, configura a melancolia.

A principal característica da narrativa é a melancolia, que estrutura o romance. Os episódios da infância são narrados em primeira pessoa, enquanto a fase adulta é contada em terceira pessoa, evidenciando o distanciamento que o narrador-protagonista sente de si mesmo, como se não se reconhecesse em suas próprias ações. Além disso, a escrita fragmentada nos capítulos da fase adulta reforça essa sensação e motiva as ações do protagonista. Os episódios narrados na infância são relativos à descoberta de sensações através do sofrimento advindo das perdas inaugurais: a perda da prima Teresa, o primeiro amor; a morte do vizinho; a apatia do pai e dele frente às humilhações sofridas; e a insuficiência dos seus esforços para ganhar o campeonato. Todas essas experiências de perda retornam na fase adulta e nelas a personagem busca compreender como o constante sentimento de perda se formou em seu âmago. O protagonista se sente reificado de si, dos seus sentimentos.

Os eventos narrados no presente, na fase adulta do protagonista, seguem uma progressão cronológica: no início, o homem ainda está casado; então, há a conversa que findou o casamento; ocorre a visita surpresa ao apartamento após o término; acontecem os encontros com o filho nos finais de semana. Os eventos da infância são narrados a partir de uma similaridade encontrada com os episódios e emoções do protagonista no presente. O sofrimento do homem traz à memória eventos da infância que lhe trouxeram sensações similares e nelas ele busca o reencontro consigo mesmo ou, pelo menos, um entendimento para sua melancolia. É possível afirmar, assim, que a melancolia configura o romance a partir do sofrimento no presente, que evoca as memórias da infância a partir das quais o homem busca entender os eventos no presente.

Em paralelo ao capítulo “Fim”, a narrativa tem como seu último capítulo “Recomeço”. O capítulo inicia com uma comparação ao início do capítulo anterior. Na infância, o menino “vivía entre as pessoas, árvores e casas. Não tinha aprendido ainda a viver na sua raiz... (Carrascoza, 2016, p. 88). Na vida adulta, o homem agora vive “entre edifícios, muros e ruas formigadas de carros” (Carrascoza, 2016, p. 98). Ele havia aprendido não apenas a ir à raiz das coisas, mas a nutri-las. A comparação evidencia os sentimentos que transpassam o protagonista na vida adulta. Antes, ele vivia em uma cidade pequena, rodeado por pessoas e pela paisagem comum do interior, cercado por árvores. Ele não havia aprendido a viver em sua raiz, devido à inocência infantil e à proteção dos pais, do ciclo familiar e das amizades. Na vida adulta, o homem se sente distanciando de si, não se reconhecendo no novo estilo de vida, em uma cidade grande, cercado por muros e pelos edifícios. Os muros são as barreiras não somente para proteger da violência da cidade grande, mas também são barreiras entre as pessoas. As dificuldades em construir laços em uma cidade assim são maiores pela falta de espontaneidade, resultante do medo, como também das relações automatizadas de

trabalho e consumo. Nesse contexto, assim como na infância, em que uma viagem deu ao menino uma maior compreensão da vida, ao irem visitar o tio que estava doente, na vida adulta o homem decide viajar e voltar à Cidade Natal para descobrir quem era, o que foi perdido e tentar se livrar do sentimento de ausência.

A sensação de ausência motivou seu retorno à antiga vida, ao último momento em que ainda não se sentia desalinhado da realidade. As primeiras descobertas da vida marcaram sua memória, e é nelas que ele busca uma forma de coerência com o presente. Durante o almoço na casa do irmão, o homem estava distante, sofrendo em silêncio pela realidade, que “como uma lava, vazava, espessa e rija, petrificando suas lembranças” (Carrascoza, 2016, p. 105). A realidade mostrou-se diferente do esperado. O dia perfeito, de reencontros e conclusões com o passado, se tornou uma missão impossível pois, apesar da aparência da cidade permanecer a mesma, ele já estava distante daquela que já foi sua vida e percebeu que “tudo no caminho é para ficar lá trás, as pessoas carregam só aquilo que deixam de ser, o presente é feito de ausências” (Carrascoza, 2016, p. 104).

Após o almoço, o homem decide fazer um passeio pela cidade e, durante o passeio, ele percebe que “tudo ali havia perdido a cor, a luz, os contornos vivos (Carrascoza, 2016, p. 106). O desajuste com a realidade é transmutado para o desajuste com aquela que um dia foi sua cidade. O retorno ao lugar de sua origem o fez perceber que aquela não era sua vida e que o presente será marcado pelas ausências consequentes dessa mudança. Não apenas as ausências da infância, mas da relação fragmentada com o filho, o fim do casamento. As novas conjecturas das relações amorosas são fragmentadas, marcadas pelo ritmo frenético da vida na cidade grande, pois sobra pouco tempo para que esses laços sejam alimentados e nutridos devidamente. A constante sensação de perda que permeia a vida do homem é na verdade o desajuste melancólico comum da sociedade hodierna, como discutido no primeiro capítulo, mas com um diferencial: na ficção literária, as personagens, ao contrário do estilo de vida hodierno, mergulham na dor como forma de autocompreensão, ao invés de tratá-la como sintoma dissociado do contexto social como apontado por Han (2021).

E, afinal, o que ele desejava?
Reviver?
Mas tudo — adianta não admitir? —, tudo é um viver
único, de uma só vez, sem repetição...
Então, morriam nele, uma a uma, aquelas lembranças,
justamente ali, onde haviam nascido.
Eram todas a sua história, o que lhes restava além das
duas mãos, uma riqueza por tantos anos acumulada
e que, agora, evaporava à luz de sua consciência
— aquele passeio pela cidade era uma hora final
(Carrascoza, 2016, p. 106).

A partir de então, a narrativa apresenta o reencontro do protagonista com os lugares que marcaram sua infância, mas, novamente, tudo estava descolorido, como se estivesse em um filme, pois a paisagem da cidade ia apresentando lembranças naqueles lugares ao tempo em que as “coisas vivas na lembrança iam diminuindo, o mundo nele se engradecera” (Carrascoza, 2016, p. 108). A vida naquela cidade fazia parte do seu passado, mas não lhe correspondia mais. O silêncio com que reencontrava o passado diminuía o sentimento de culpa causado pelo distanciamento dessa que já foi sua vida. O sentimento de perda permanecia. As ausências não foram preenchidas com o reencontro, como esperado, e suas expectativas diminuía a cada lugar visitado. A narrativa finaliza, assim, com o reencontro com seu melhor amigo de infância, Bolão, que ele havia ido visitar no dia anterior. Mas Bolão não estava em casa e, ao receber a visita inesperada, o protagonista experimentou, outra vez, doendo, uma antiga alegria (Carrascoza, 2016, p. 112).

Considerações Finais

A análise da narrativa aponta a relação entre os aspectos melancólicos que configuram a narrativa e a fragmentação da experiência do narrador que, ao não conseguir lidar com as perdas no presente e se sentir distanciado de si, busca nas experiências inaugurais da infância um reencontro consigo mesmo. Além do constante sentimento de perda apontado pelo narrador, o desencanto com que ele observa a própria existência e o sofrimento sentido devido ao modo como essas perdas ocorreram configuram a narrativa. Os episódios da infância narrados em primeira pessoa alternados com episódios narrados na fase adulta em terceira pessoa demonstram o sofrimento e distanciamento do protagonista que falha em transformar as vivências (*Erlebnis*) da vida adulta em experiência (*Erfahrung*), conforme proposto por Walter Benjamin.

O romance de João Anzanello Carrascoza estetiza e ficcionaliza a dor da ausência de um objeto desconhecido, e o desajuste com a realidade motiva suas personagens a compreender as razões do próprio sofrimento. No entanto, esses sofrimentos, apesar de serem apresentados em personagens individualizadas, não são uma forma de melancolia exclusiva. Não é à toa que o protagonista não é nomeado na narrativa. A melancolia coletiva da ausência e dissociação em meio às novas conjecturas das relações afetivas são ausências sentidas coletivamente.

Referências

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política - ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras escolhidas, volume I, 2ª edição, São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*: BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política - ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras escolhidas, volume I, 2ª edição, São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

CARRASCOZA, João Anzanello. **Aos 7 e aos 40**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

CARRASCOZA, João Anzanello. **Aos 7 e aos 40**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.

GINZBURG, Jaime. **Literatura, violência e melancolia**. Campinas, São Paulo: Autores associados, 2013.

HAN, Byung-Chul. **A crise da narração**. Petrópolis: Vozes, 2023.

LAGES, Susana Kampf. **Walter Benjamin: tradução e melancolia**. 1. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Mutações da literatura no século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

SILVA, Michel Augusto Carvalho da. **O temor pelo sofrimento futuro: algofobia e melancolia na narrativa de João Anzanello Carrascoza**. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2025.

Recebido em: 22/10/2025

Aprovado em: 21/11/2025